UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS - CENCEL
DEPARTAMENTO DE COMUNICACÃO SOCIAL

EMANUELE CRISTINA PASQUALOTTO

DEPENDÊNCIA QUÍMICA:

O olhar da mídia sobre o usuário em Boa Vista

BOA VISTA
2009

EMANUELE CRISTINA PASQUALOTTO

DEPENDÊNCIA QUÍMICA:

O olhar da mídia sobre o usuário em Boa Vista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para obtenção de grau em bacharel do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. MSc. Edileuson Almeida

BOA VISTA
2009

EMANUELE CRISTINA PASQUALOTTO

DEPENDÊNCIA QUÍMICA
O olhar da mídia sobre o usuário em Boa Vista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a obtenção de grau em bacharel do Curso de Comunicação Social – Habilitação em jornalismo, da Universidade Federal de Roraima – UFRR, defendido em 30 de junho de 2009 e avaliado pela seguinte banca examinadora:

Professor Edileuson Almeida
Orientador / Curso de Comunicação Social – UFRR

Professora Antonia Costa
Curso de Comunicação Social - UFRR

Professor Maurício Zouein
Curso de Comunicação Social - UFRR

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

P281d Pasqualotto, Emanuele Cristina

Dependência química : o olhar da mídia sobre o usuário em Boa Vista / Emanuele Cristina Pasqualotto. -- Boa Vista, 2009.

46 f. : il.

Orientador: Profº. MSc. Edileuson Almeida.
Monografia (Graduação) – Curso de Comunicação Social, Universidade Federal de Roraima.

1 – Mídia. 2 – Drogas. 3- Roraima. I – Título. II – Almeida, Edileuson.

CDU-301.153.2

A Deus, que proporcionou a garra necessária para vencer mais esta etapa de minha vida, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família que nunca me deixou esmorecer diante de uma dificuldade, especialmente a minha avó Maria Regina (in memorian) que sonhava em ver sua primeira neta formada, e aos meus pais pela Educação que me deram, pela insistência de que o estudo não ocupa espaço, apenas agrega conhecimento. Ao Meu esposo Junior por estar sempre ao meu lado desde o início de minha jornada acadêmica.

Aos meus colegas de curso, da turma 2004.2, em especial Suelen Melo, Bruno Willemon, Arianne Nóbrega, Bruna Castelo Branco, Hanna Gonçalves e Cintia Schulze, pelas risadas incontáveis no banco da Praça da Universidade.

Além dos amigos de outras turmas, destacando Alessandra Fonseca, Gérsika Bezerra, Hederson França, Marcos Borges, com os quais os laços de amizade fortificaram-se cada vez mais no decorrer da jornada acadêmica. Aos professores, peças fundamentais na vida de um universitário.

Aos colegas de trabalho da Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Boa Vista, em especial Nenna Tyeko, Wyara Farias, Adenice Oliveira, Sueli dos Anjos pela ajuda e apoio incondicional nos momentos de angústia.

Agradeço também ao querido Darkson Correa Mota, que além de personagem importante na minha pesquisa se tornou um grande amigo, pessoa com a qual aprendi inúmeras coisas, que tiro como lições de vida.

A todas as pessoas que contribuíram para a realização do meu trabalho incluindo os professores Maurício Zouein e Antonia Costa, escolhidos para minha banca e finalmente ao meu orientador Edileuson Almeida, por me ajudar a transpor mais essa etapa de minha vida e a realizar meu sonho.

“Só existe uma forma de êxito: Ser capaz de viver a vida de acordo com sua própria consciência”

Christopher Morley

RESUMO

Na presente pesquisa pretende-se traçar uma linha de análise de matérias referentes ao olhar da mídia voltado ao dependente químico sob a ótica de um veículo de comunicação roraimense. A afirmação de que se fala mais em tráfico e apreensão de drogas e menos sobre prevenção e tratamento ficou evidente no decorrer do trabalho. A busca por um maior envolvimento da sociedade no que diz respeito ao tema drogas é um dos objetivos desta pesquisa.

Palavras-chave: mídia, jornalismo, drogas, dependente químico

ABSTRACT

This research seeks to draw a line analysis of materials for the media's gaze turned to the subject chemical from the perspective of a vehicle of communication roraimense. The statement that is spoken in more traffic and seizure of drugs and less on prevention and treatment was evident during the work. The search for greater involvement of society in regard to the drugs issue is one of the objectives of this research.

Keywords: media, journalism, drugs, chemical dependent.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Psicotrópicos mais usados 14
Figura 2 - Faixa Majoritariamente citada 16
Figura 3 - Adjetivação dos usuários 21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **11**

2 AS DROGAS E A DEPÊNDENCIA QUÍMICA **12**

2.1 Histórico das drogas no mundo **12**
2.2 Histórico das Drogas no Brasil **14**
2.3 Histórico das Drogas em Roraima **16**
2.4 Terapia/ Centros especializados **18**

3 METODOLOGIA **23**

3.1 Técnicas de abordagem **23**
3.2 Coleta de dados **24**
3.3 Amostragem **26**

4 MÍDIA E DROGAS **29**

4.1 O papel social da mídia **29**
4.2 As drogas na mídia impressa **32**
4.3 A imagem do usuário na mídia **33**

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS **39**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **40**

INTRODUÇÃO

Quando se fala em drogas pensa-se em uma sociedade preconceituosa e estática no que diz respeito a questões de uso, proibição e prevenção. Sabemos que as drogas geram violência e uma cadeia que envolve tráfico em diversas esferas como armas, tráfico humano, entre outros.

O presente trabalho tem por objetivo analisar sob a ótica da imprensa Roraimense, citando textos e pesquisas nacionais, notícias de jornais locais sobre o tema, que abordam a visão em relação ao dependente químico e suas contravenções.

São diversos ciclos em torno do tema drogas, como a co-dependência, que atinge grande parte das famílias dos usuários de drogas, que deve ser tratada igualmente como a desintoxicação do jovem usuário.

Roraima tem tido um crescimento no número de usuários de drogas, comprovado pelos próprios veículos de comunicação, através da divulgação de aumento no tráfico, o que gera até a demanda pela criação e instalação de um Centro de tratamento em dependência química no Estado.

E também a popularidade das drogas, que começa entre crianças de 10 a 12 anos. A exposição dessas crianças ao perigo provoca danos irreversíveis e até, nos casos extremos, a morte. O alarme, porém, só toca quando as drogas já estão dentro de casa. Pesquisas da Associação Parceria Contra Drogas mostram que, hoje, quatro em cada dez crianças já experimentaram maconha.

Pertinente ao tema se discute ainda os principais problemas para o combate às drogas entre eles a dificuldades com as fronteiras, poucos policiais federais para fiscalizar, poder do dinheiro dos traficantes que em muitos casos corrompe a polícia e crescimento das facções criminosas que se aliaram e dominam o tráfico no Brasil.

A pesquisadora espera que por meio deste trabalho possa sensibilizar a sociedade quanto ao problema das drogas e à políticas de tratamento eficazes para uma redução do número de jovens envolvidos no problema das drogas.

2. AS DROGAS E A DEPENDÊNCIA QUÍMICA

2.1 HISTÓRICO DAS DROGAS NO MUNDO

O conceito de drogas e a demanda por ela já não são mais novidade, pois elas existem não da maneira com é concebida hoje, mas de forma inerente a cultura dos povos daquela época. Existem relatórios de como as drogas impulsionaram os descobrimentos, as viagens de circunavegação, a exploração do açúcar e a escravidão moderna. E discute as mudanças pelas quais o termo "droga" passou a ter aqui, desde os primeiros relatos.

Segundo Carneiro e Venâncio (2005), na década de 1880, a folha de coca, matéria-prima da cocaína, já era consumida, em forma de chá, por toda a Europa e América do Norte. O chá era conhecido como “melhorador do humor” e sua comercialização era livre. Também em 1880 passou a ser produzida pela indústria farmacêutica e era usada como anestésico estimulante mental, afrodisíaco, para aumentar o apetite e tratar asma e problemas digestivos.

Igualmente em 1880 foi descoberta a potência da cocaína quando injetada e assim o seu uso se popularizou. Em 1885 surgiu a bebida Coca-Cola que usava folhas de coca em sua fórmula. Existia também o Wine-Coca[1] que era muito popular na Europa. Em 1904 foram proibidas todas as bebidas feitas com cocaína e a Coca-Cola mudou sua fórmula.

Em 1909, aconteceu, em Xangai, a primeira reunião internacional, convocada pelos Estados Unidos para discutir o uso do ópio e seus derivados. Havia uma preocupação com o excesso do uso da droga no mundo. Em 1911, aconteceu outra reunião em Haia, na Holanda, e mais uma vez foi discutida a necessidade do combate ao uso do ópio e da cocaína que não atendesse a recomendações médicas. Neste encontro, todos os países, inclusive o Brasil, assinaram um tratado onde se comprometeram a coibir o uso das duas drogas. Em 1914, nos Estados Unidos, é aprovada uma lei interna que proíbe a comercialização e o livre consumo de cocaína e ópio.

No ano de 1924, em mais uma Conferência Internacional, agora em Genebra, que reuniu 45 países, foi discutida também a necessidade de coibir o uso da maconha. Começaram então as perseguições policiais aos usuários de drogas, especialmente, de maconha. A partir de 1930, o combate passa a ser mais enérgico em todo o mundo.

---

[1] **Vinho feito à base das folhas de coca.**

Na década de 1960, as drogas eram consumidas por pequenos grupos da população, em geral, marginais. No início dos anos1970, com a filosofia hippie que se espalhou pelo mundo todo, os jovens passaram a usar as drogas com o objetivo de liberdade. Cantores famosos não só as utilizavam, mas faziam apologia as drogas, levando milhares de jovens a experimentá-las. Nem a morte, por overdose, de muitos destes cantores-mitos da juventude, freou seu uso.

Referente aos aspectos econômicos e geopolíticos, o crescimento da produção e do consumo das drogas no ocidente coincide com os anos da guerra fria, após a guerra do Vietnã, em uma perigosa associação entre o comércio de drogas, de armas, da guerra e do terrorismo.

> Durante a guerra fria, os Estados Unidos passaram a dar suporte, quando não fomentar abertamente movimentos armados contra governos de países periféricos contrários que, sendo hostil a esta super potência, deve estar recebendo apoio soviético. Com o tempo, o Congresso Americano chegou até a proibir as verbas orçamentárias, porém, o serviço secreto norte-americano continuou fomentando tais lutas, na África, Ásia e América Latina, muitas delas com o apoio de Israel, as chamadas "guerras por procuração". (Relatório Mundial de Drogas, 2006)

A verba negada para o financiamento dessas atividades passou a ser buscado no tráfico internacional de drogas, o que estimulou o plantio e o consumo. Os grupos armados estabeleceram assim suas relações com o tráfico de drogas e com o comércio internacional de armas. Em 2006, os Estados Unidos foi considerado pelo Escritório das Nações Unidas contra drogas e crimes o maior consumidor de cocaína do mundo.

De acordo ainda com o Relatório do Unodc[2], são mais de 200 milhões de usuários de drogas no mundo, o que representa cerca de 5% da população entre 15 e 64 anos. As drogas mais usadas são maconha ou haxixe; cocaína, heroína e drogas sintéticas.

Só de maconha, de acordo com o relatório, em 2006 foram produzidas no mundo mil toneladas em 82 países. As Nações Unidas registraram o tráfico desta droga em pelo menos 146 países, ou seja, praticamente todos os países do mundo. Calcula-se que o tráfico de drogas movimente anualmente cerca de 800 bilhões de dólares no mundo

2.2 HISTÓRICO DAS DROGAS NO BRASIL

Até a década de 1910, de acordo com Fátima Souza (2007), o Brasil não tinha qualquer controle estatal sobre as drogas que eram toleradas e muito usadas em prostíbulos

[2] **Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crimes.**

freqüentados por jovens das classes média e alta, os jovens filhos da oligarquia da República Velha. No início da década de 1920, depois de ter se comprometido na reunião de Haia (1911) a fortalecer o controle sobre o uso de ópio e cocaína, o Brasil começa efetivamente um controle, o que nunca havia feito antes.

> sso aconteceu porque o vício até então limitado aos "rapazes finos" dentro dos prostíbulos, passou a se espalhar nas ruas entre as classes sociais "perigosas", ou seja, entre os pardos, negros, imigrantes e pobres (a plebe), o que começou a incomodar o governo. (Fátima Souza, 2007).

Fátima Souza comenta ainda o fato de em 1921, haver surgido a primeira lei restritiva na utilização do ópio, morfina, heroína, cocaína no Brasil, passível de punição para todo tipo de utilização que não seguisse recomendações médicas. A maconha foi proibida a partir de 1930 e em 1933 ocorreram às primeiras prisões no país por uso da maconha.

Essa proibição se estende até hoje. As drogas, no entanto, continuaram a ser consumidas, o que resultou no aumento da violência em torno do tráfico, criando grandes grupos de traficantes como o Comando Vermelho, no Rio de Janeiro.

No final dos anos 1970 e início de1980, o aumento do consumo de cocaína na Europa e Estados Unidos fez também aumentar a produção e o tráfico nos países andinos[3] e apareceram as primeiras empresas narcotraficantes[4] que passaram a produzir cocaína para exportação.

Também é no início dos anos 1980 que o Brasil aparece como rota para o escoamento de cocaína para os EUA e a Europa. Neste período, também se fortalece com uma indústria química que passa a ser a produtora e fornecedor dos insumos necessários a fabricação e refino da coca.

No Brasil, o consumo de cocaína e maconha aumentou em 2006, de acordo com Fátima Souza, além do crescimento também do tráfico de cocaína, especialmente na região Sudeste. Entre os países da América do Sul, o Brasil foi o país em que ocorreu o maior aumento do consumo de maconha, segundo o Relatório Mundial de Drogas que calcula aproximadamente 6,7 milhões de usuários de maconha, a maior parte da droga vinda do Paraguai.

---

[3] **Colômbia, Bolívia e Peru.**

[4] **Uma das primeiras organizações de tráfico que surgiram foi a de Pablo Escobar.**

O consumo da cocaína também aumentou na América do Sul em 2006, subindo de 2 milhões de consumidores para 2,25 milhões. De acordo com a ONU[5], a rota do tráfico de drogas no Brasil foi o principal fator para a elevação da taxa de usuários. Foi nas regiões Sul e Sudeste, que o consumo cresceu mais. O país é usado como uma espécie de corredor por onde passa a cocaína que vem da Colômbia (60%), Bolívia (30%) e Peru (10%) com destino a Europa.

A droga vem em grande quantidade e parte dela acaba ficando em solo brasileiro e é vendida para traficantes poderosos que se encarregam de distribuir as "bocas de fumo" [6].

Em relação à produção, o Brasil não se encontra em posição de grande produtor de drogas, porém se tornou o ponto mais importante de trânsito para o entorpecente produzido nos quatro países, se constituindo como um corredor em direção a Europa e Estados Unidos, o que o torna também país consumidor em grande escala, em especial, a maconha e a cocaína. Um mercado ativo e em expansão que conquistou principalmente os jovens.

Um documento divulgado pela ONU em 2006 cita que no Brasil o narcotráfico "emprega" mais de 20 mil "entregadores" de drogas, a maioria, jovens de 10 a 16 anos que ganham salários de US$ 300 a US$ 500 por mês[7]. Só no Rio de Janeiro, o narcotráfico vende por ano cerca de seis toneladas de drogas, faturando quase um bilhão de reais.

Quase dois terços deste valor são faturados pelo Comando Vermelho e o Terceiro Comando[8]. Em São Paulo, existem cinco mil postos de distribuição da droga. A capital paulista é hoje a principal cidade do "corredor Brasil", de onde é mandada para o exterior a maior parte da cocaína e maconha que abastece a Europa e Estados Unidos.

2.3 HISTÓRICO DAS DROGAS EM RORAIMA

A população de Roraima é composta por brancos (24,8%), negra (4,2%), parda (61,5%) e indígena (8,7%), com um total de 403.344 habitantes. A população urbana chega ao percentual de 80,3%, com densidade demográfica de 1,8 habitantes e crescimento de 4,6% ao ano, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

---

[5] Organização das Nações Unidas.

[6] Local utilizado pelos traficantes para repassar a droga aos usuários

[7] Baseado nos valores do salário mínimo brasileiro nos anos de 2006, 2007 e 2008 estipulado em R$ 350,00, R$ 380,00, e R$ 415,00, respectivamente.

[8] Facções criminosas no Estado do Rio de Janeiro.

Na década de 1980, as drogas mais consumidas no estado de Roraima eram álcool, pela cultura da região norte, que tinha como costume, como um aperitivo e a maconha em pequena escala. Inicialmente a rota do tráfico não incluía o Estado de Roraima, passava apenas por Estados como São Paulo, Rio de Janeiro, entre outros.

Em 1990, a cocaína não era presença tão constante em festas, bares e no dia-a-dia do roraimense. Porém, com o tempo, não só cresceu o consumo como também o tráfico. Por estrada ou através do rio Meta na Colômbia, a droga chega à Venezuela em direção ao Brasil. Adentrava em território brasileiro através do ponto BV-8 da fronteira, no município de Pacaraima[9], seguindo para a capital Boa Vista. (Mota, 2006, 30)

Pode chegar à Manaus por estrada ou ser embarcada no porto de Caracaraí, percorrendo o rio Branco. De Manaus, a droga pode seguir para as Guianas e o Suriname, por via aérea, ou seguir em barcos pelo rio Amazonas até a Ilha de Marajó ou Belém.

Ambos os casos, a droga pode alcançar os mercados consumidores dos Estados Unidos e Europa, por via aérea ou marítima. Em cada local por onde a droga passa o preço aumenta, onde um kg de cocaína chega a valer 40 mil dólares.

> "Na cidade se tinha ouvido falar muito pouco em cocaína, não havia essa droga na região, quem mais usava eram pessoas de classe alta. Cheguei em casa e coloquei a minha dentro de uma lata de leite ninho e enterrei no quintal, sendo que dividi em pequenas bolas amarradas em sacos pequenos de 10 a 100g" (idem, 2006,23)

Segundo estatísticas do Juizado da Infância e Juventude, o uso de entorpecentes em Roraima está começando aos oito anos de idade. Antes, a faixa etária era a partir dos 12 anos. Os autos de infração que relatam esse problema vêm sendo registrados com freqüência na Vara da infância e Juventude. O uso de entorpecentes entre crianças é um fator preocupante. É uma questão social e está atrelada a ausência do Estado como um todo. É uma questão de saúde pública.

De acordo com o NADQ[10], são atendidos aproximadamente 800 jovens com problemas com drogas, um número alarmante considerando apenas uma casa de tratamento com pouco mais de um ano de funcionamento.

Em matérias analisadas por meio do Jornal Folha de Boa Vista nos anos de 2006, 2007, 2008 e 2009, a relação entre o tráfico e o consumo aumentou. No ano de 1997 foi feita a maior apreensão de cocaína do Estado, na Fazenda Uruami. Nove anos depois, a Polícia

[9] **Município do norte do Estado de Roraima.**

[10] **Núcleo de Apoio ao Dependente Químico**

Federal voltaria a realizar nova apreensão em grande escala, no total 252 kg de cocaína, vindas da Venezuela.

A Secretaria de Estado de Segurança Pública em Roraima publicou dados sobre os números de prisões por tráfico de drogas e quantidade e especificação da droga apreendida. Entre os anos de 2005 a 2008, o número de prisões pulou de 34 para 67 pessoas presas por tráfico, sendo que o número de prisões de mulheres subiu de nove em 2005 para 30 em 2007.

Em relação à quantidade de drogas apreendidas como ecstasy, crack, maconha e cocaína subiram alarmantemente de 16.279,49 gramas em 2005 para 213.955,40 gramas em 2007.

2.4 TERAPIAS/ CENTROS ESPECIALIZADOS

O Estado de Roraima possui programas de ajuda psicossocial para os dependentes químicos. Um deles é o CAPS-AD[11], destinado a atenção integral a usuários de dependentes de álcool, e outras drogas. O local é vinculado a Secretaria de Estado da Saúde e busca tratar essa dependência e proporcionar saúde aos jovens usuários.

A equipe é composta por psicólogos, assistentes sociais, técnicos e auxiliares de enfermagem, enfermeiros, terapeutas ocupacionais e redutores de danos. A missão do CAPS-AD é prestar atendimento as pessoas usuárias de drogas, oferecendo cuidados clínicos e de reabilitação psicossocial, buscando substituir o modelo hospitalocêntrico, evitando assim internações e favorecendo o exercício da cidadania e da inclusão social dos usuários e suas famílias.

O NADQ, mantido pela Prefeitura de Boa Vista também oferece auxílio às pessoas que tentam se libertar das drogas lícitas ou ilícitas. O Núcleo é aberto à comunidade e atende todos os meses em média de 800 jovens. O local possui uma equipe formada por assistente social, psicólogos e consultores em dependência química, responsáveis pelo atendimento durante o processo de recuperação.

São inclusas no tratamento reuniões em grupos de mútua-ajuda seis vezes por semana, sessão individual com psicólogos, atividades recreativas voltadas para o fortalecimento da auto-estima, além de visitas domiciliares. A equipe também realiza intervenções/ resgates, que são os procedimentos em que há necessidade de auxiliar em situações de crises ou recaídas.

[11] **Centro de Apoio Psicossocial ao dependente químico**

No trabalho contra a dependência, a participação da família é muito importante. Para isso, o Núcleo mantém a reunião de grupos de familiares que são realizadas duas vezes por semana e é aberto a pessoas de todas as idades. Dependendo do caso, o paciente é encaminhado para internação em Comunidades Terapêuticas conveniadas em outros estados.

O núcleo funciona na sede da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Trabalho e atende também famílias co-dependentes, que é o familiar que não vive sua própria vida e sim a vida do familiar dependente químico. E uma doença emocional e precisa ser tratada com a mesma importância que o tratamento com o envolvido com as drogas.

> O co-dependente é a pessoa que não consegue administrar sua vida conjugal ou familiar pelo fato de ter um dependente químico dentro do seu lar e com isso sofre desgaste psicológico e espiritual, colocando em risco a saúde e comprometendo as relações interpessoais. (Mota, 2008)

Segundo estudo realizado pela psicoterapeuta Lygia Vampre Humberg, o co-dependente é caracterizado como uma pessoa que vive para cuidar e controlar o outro, pois essas atitudes preencheriam o seu medo de entrar em contato com seu próprio mundo interno.

> Em relações muito simbióticas, os conteúdos que a pessoa não pode aceitar em si mesma são depositados no outro, e, ao trazê-los, a pessoa está falando de si mesma. No entanto, é preciso aos poucos devolver a pessoa o que é dela, trazer para a consciência partes que ela desconhece abrir espaço para suas responsabilidades sobre sua vida e atos, antes só depositados no outro. (Bleger 1978, apud Lygia Humberg 2003).

O Pró-vida foi um programa idealizado pelo Pastor Bartolomeu Almeida, da Igreja Batista Monte Sinai, e posto em funcionamento em janeiro de 1998. Ele contou em entrevista concedida no dia 10/04/2009 que observou ser necessário o preenchimento de uma lacuna que representava a dependência química com um espaço de recuperação para jovens em risco e vulnerabilidade social.

Inicialmente a casa de recuperação funcionou no bairro 13 de setembro. Após um ano, o Pastor Bartolomeu requereu as instalações da fazenda Uruami. O programa se instalou na fazenda em março de 1999 tendo funcionado durante dois anos. Em 2001, a fazenda foi requerida pela Polícia Militar para a instalação de um programa semelhante, também para tratamento de jovens dependentes químicos.

Sendo assim, o recomeço se deu no bairro dos Estados onde a casa recebeu o apoio da Unimed, tendo a unidade sido transferida algum tempo depois para o bairro Cinturão Verde e

com uma unidade também na Serra Grande, município do Cantá. A equipe utilizava a abordagem física, emocional e espiritual como método de tratamento, onde tentavam apresentar uma solução para o problema das drogas. Incluídos no método estavam atividades esportivas, como caminhadas, natação, vôlei e ainda leitura da bíblia, palestras, entre outras atividades.

O pastor explicou que, os motivos que o levaram a parar com o projeto foram diversos como: mudança de membros da equipe, por outras propostas de emprego ou concurso público, recaída de internos com até seis anos de tratamento. É sabido que o tratamento para dependência química é muito difícil e doloroso. O Pró-vida funcionou durante sete anos e atendeu a aproximadamente 450 pessoas. O Pastor Bartolomeu ressaltou que desse número, passando para a estatística de recaída dos jovens, já existe uma somatória de 23 óbitos. Nesses casos o percentual de recuperação é muito baixo, considerando o período em curto prazo, ou seja, mais ou menos um ano, um percentual de 30% e em longo prazo, ou seja, aproximadamente 10 anos, um percentual de apenas 2%, de acordo com Bartolomeu Almeida.

José Nilson Paiva Filho, em entrevista concedida em 15/04/09 diz que começou a usar drogas aos 14 anos. Até aí, ele se considerava um rapaz estudioso, que gostava de ir ao cinema, e jogar futebol. Porém, era uma pessoa muito tímida. Foi quando conheceu a maconha, através de amigos extrovertidos e que ele almejava ser igual a eles. Essas companhias eram fator primordial para idas a festas, com abuso de álcool e maconha.

Em seguida, Nilson experimentou a merla[12], misturada com maconha, o que causava um efeito mais violento. Aos 17 anos jogava profissionalmente no Time do Roraima, mas aos 18 anos, as drogas não o deixaram continuar. Assim Nilson precisou vender drogas para manter o vício além de já ter sido preso duas vezes e na segunda prisão quase foi morto.

Nilson conta que na segunda vez que foi preso, conseguiu se livrar de uma pena mais severa, o que faria com que fosse encaminhado para a Penitenciária Agrícola de Monte Cristo. Ele foi encaminhado então para o Centro de Recuperação e Promoção humana, onde assistindo reuniões e palestras sobre o tema, decidiu largar as drogas.

Passou um mês no Centro e decidiu se internar no Pró-Vida. Lá, Nilson ficou internado por quatro meses como recuperando e mais três meses como voluntário. Hoje, funcionário da União, está a sete anos no CRPH[13] contando sua história de vida nas palestras realizadas no ambulatório, além de escolas e até na área indígena.

---

[12] Merla: Pasta de cocaína que pode ser misturada com o tabaco, no cigarro comum, popularmente conhecido como pitilho.

[13] CRPH: Centro de Recuperação e Promoção Humana

Há um ano e oito meses foi implantado em Boa Vista um Programa que atende em pequena escala jovens dependentes químicos e em situação de vulnerabilidade social. É o programa Amor Incondicional ou Casa do Pai. O local é administrado pela Igreja da Paz e tem como objetivo a recuperação dos dependentes, por meio do evangelho, da formação e restauração de caráter deteriorado pelo consumo de drogas, da reconstrução da auto-estima do paciente, da ressocialização do indivíduo e a reaproximação das famílias.

Essa casa de tratamento também recebe suporte clínico da Prefeitura, com médicos, psicólogos, assistentes sociais e consultores em dependência química. Para o interessado se internar, é necessário participar de cinco palestras no NADQ, que abordam entre outros temas abstinência das drogas, seqüelas, tratamento, além da importância da espera.

No momento atual a Casa do Pai possui quinze internos, não é cobrado taxa, pela carência de fonte de renda da maioria dos pacientes.

Para se internar, a pessoa precisa reconhecer que está doente e que necessita de ajuda, além de participar de palestras sobre dependência química e se submeter às regras da Casa de Internação. Durante esse tempo, em média sete pessoas já foram recuperadas, com retorno ao convívio familiar, ao trabalho e ao estudo.

O idealizador da Casa é José Romildo Ferreira Lessa, conhecido com JR. Lessa. Dependente químico em recuperação, ele decidiu ajudar um amigo dependente a também se recuperar. Ao freqüentar uma área da cidade conhecida pela venda e consumo de entorpecentes para procurar seu amigo, José Romildo encontrou também muitas pessoas dependentes que necessitavam de tratamento e concordaram em se internar em uma casa pelo período inicial de 45 dias, onde iniciariam um processo de abstinência das drogas.

Atualmente o processo de recuperação varia de quatro a seis meses. José Romildo disse em entrevista concedida no dia 24 de junho de 2009 que a mídia tem um papel muito importante no que diz respeito ao processo de prevenção, tratamento e recuperação dos dependentes químicos. A dependência química é uma doença e por isso é preciso a exposição de casos na mídia sob a ótica familiar, mostrando o sofrimento da família, o processo de tratamento e recuperação do paciente.

J.R, como é conhecido ressaltou que é preciso os meios de comunicação levantarem questões estruturais como responsabilidade, espiritualidade, repressão e prevenção. Os meios de comunicação precisam abordar as conseqüências das drogas que precisa ser tratada no âmbito físico, psíquico e espiritual.

A AFADQ[14] se propõe a realizar este trabalho de prevenção. Composta por familiares e amigos dos dependentes químicos, a associação, além de ajudar na recuperação do familiar, ministra palestras nas escolas.

[14] **Associação dos familiares e amigos dos dependentes químicos.**

3 METODOLOGIA

3.1. TÉCNICAS DE ABORDAGEM

Distingue-se o conhecimento científico por ter origem na observação minuciosa e objetiva dos fatos, de modo a permitir uma compreensão de sua natureza e de suas causas, sem que as interpretações do observado sejam influenciadas pelos desejos ou preconceitos do observador. Busca-se, conhecer as leis dos fatos e fenômenos observados.

> O conhecimento científico apóia-se no raciocínio lógico, para deduzir outras informações ou alcançar novas aplicações a partir de leis ou conceitos gerais. E baseia-se no método indutivo para chegar àquelas generalizações ou a hipóteses que permitirão programar novos ensaios e experimentos. (Rey, 1978, 7).

Nos últimos 20 anos tem sido registrado um aumento significativo do consumo de drogas preocupando as autoridades públicas e a população em geral. O uso atinge tanto as populações de baixa renda como a classe média e alta, embora com determinantes e motivações diferentes. E não se restringem apenas ao uso de substâncias ilegais, incluindo a maconha, cocaína, crack, como também drogas legalizadas, incluindo o cigarro e o álcool.

Partindo do pressuposto de que são citadas na mídia em Roraima informações em grande parte sobre o tráfico e suas conseqüências e não tanto sobre políticas publicas para o controle do abuso, foi utilizada a observação rigorosa de notícias e do comportamento da mídia, distinguindo assim, os fenômenos relevantes para o estudo do problema. A partir dos fatos observados busca-se estabelecer hipóteses que se propõem a explicar os fatos observados e todos os outros da mesma natureza.

> A ciência tal como os cientistas a idealizam, seria constituída por uma série de proposições hierarquicamente dispostas, das quais as de menor amplitude corresponderiam a grupos de fatos particulares por ela explicados; as de amplitude intermediária, a leis mais gerais, e as de mais alto nível, às leis universais que governariam a totalidade dos fatos conhecidos (idem, 1978 pg 12)

De acordo com o campo escolhido pela pesquisadora, a fixação de objetivos claros e precisos é essencial. Para isso, uma das condições estabelecidas é o conhecimento aprofundado do assunto.

A introdução de cada nova técnica ou método de experimentação traz conhecimentos novos. Cada trabalho em desenvolvimento, levanta questões que são outros tantos temas de pesquisas. Porém, tal conhecimento, não se alcança facilmente.

> Em geral, uma série de dados e de experiências preliminares deve ser acumulada antes que se possa, progredindo passo a passo, chegar ao objetivo central da pesquisa. "Uma conjugação de métodos pode ser necessária. A partir de observações ou experiências precedentes, o pesquisador formula hipóteses com que busca explicar os fatos ou fenômenos em estudo". Rey (1978)

A hipótese é o resultado de um raciocínio indutivo, ou seja, requer demonstração ou prova de sua adequação. A veracidade de uma hipótese nunca pode ser demonstrada ou provada definitivamente. O que é feito é a constatação de que ela não seria falsa, o que levaria a rejeitá-la e formular outra.

3.2 COLETA DE DADOS

Para que a pesquisa pudesse ser concretizada, a internet foi uma ferramenta muito importante, pois tem um papel preponderante no que diz respeito a informações sobre como o tráfico de drogas ganhou espaço no mundo e em seguida no Brasil. Entre os sites pesquisados estão:

www.reduc.org.br pesquisado em outubro de 2008

www.intercom.org.br pesquisado em novembro de 2008

http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/ pesquisado em abril de 2009

www.scielo.org pesquisado em maio de 2009

www.antidrogas.com.br pesquisado em maio de 2009

www.anjt.org.br pesquisado em maio de 2009

http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm pesquisado em maio de 2009

www.dji.com.br/codigos pesquisado em 30 de maio de 2009.

http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto pesquisado em 30 de maio de 2009.

A pesquisadora buscou também em diversos órgãos, federais e estaduais, informações que pudessem levar ao histórico dos números do tráfico de drogas no estado de Roraima.

Ao se pensar em um levantamento de dados, é preciso selecionar os instrumentos da pesquisa que deverão ser usados nessa fase. É importante definir uma série de normas para que esses instrumentos forneçam validez e confiabilidade.

> Todo instrumental tem natureza de estratégia ou tática para a ação e a habilidade em pesquisar, ou seja, definir qual a melhor maneira, propiciando o desenvolvimento da investigação científica. Dá-se assim uma articulação entre os instrumentos e as técnicas durante todo o processo de estudo. [...] O instrumental técnico elaborado pelo pesquisador para registro e medição dos dados nesta fase deverá preencher os seguintes requisitos: validez, confiabilidade e precisão. (BARROS & LEHFELD, 1986, 71)

Para determinação e veracidade das informações podem-se utilizar dois procedimentos. O primeiro consiste na análise de estabilidade dos resultados através da aplicação de formas de medição. O segundo procedimento se baseia na equivalência dos resultados obtidos por diferentes pesquisadores através do uso do mesmo instrumental técnico.

Nesta pesquisa foram utilizadas entrevistas, pesquisas bibliográficas, consulta a órgãos públicos, bem como fotografias e outros recursos que pudessem servir de fonte fidedigna de informação.

A finalidade de caracterizar um texto com um entrevistado é permitir que o leitor conheça opiniões, idéias, pensamentos e observações de personagem da notícia ou de pessoas que têm algo relevante a dizer. É possível editar a entrevista na forma de pergunta e resposta (pingue-pongue), quando o entrevistado está em evidência e tem algo importante a dizer.

É importante elaborar um bom roteiro para uma entrevista, buscando levantar o máximo de informações sobre o entrevistado e o tema sobre o qual ele vai falar. O melhor caminho é redigir perguntas específicas, estabelecendo objetivo a ser atingido.

O trabalho do pesquisador já se assemelhou um pouco como o do artista: desenvolvido com grande liberdade e condicionado por poucas restrições, exceto aquelas peculiaridades à sociedade da época, à ideologia dominante e à escassez de recursos. (REY1978).

No contexto desta pesquisa foi utilizada a entrevista não estruturada, na qual é estabelecido um diálogo com o entrevistado em busca de levantar dados que possam ser utilizados a título de análise qualitativa e quantitativa. Dessa forma, pode-se selecionar os elementos mais relevantes para responder o problema da pesquisa.

Duas técnicas específicas muito utilizadas para uma pesquisa são o questionário e o formulário. Diferenciam-se no que se refere á forma de aplicação. O formulário é preenchido pelo entrevistador e o questionário é respondido pelo entrevistado.

O pesquisador deve ter uma preocupação constante com a forma com essas duas ferramentas, dependendo da qual escolher, vai ser utilizada. É importante saber o nível de linguagem dos sujeitos a serem pesquisados.

3.3. AMOSTRAGEM

O objetivo principal dessa fase é classificar, interpretar e codificar as informações coletadas, tendo a pesquisadora de concentrar toda a sua atenção para a organização, leitura e análise desses dados.

Essa fase de estudo está condicionada à realização de fases antecedentes, ou seja, todo o processo de pesquisa, se constituindo em um momento crucial para o pesquisador, pois é lá que ele buscará todas as respostas para seus questionamentos através da utilização de raciocínios indutivos, dedutivos e comparativos.

> Dependendo da tipologia da investigação, a relação entre a análise e interpretação também poderá apresentar diferenciação no processo global de pesquisa. Esta observação é principalmente voltada a estudos empíricos quantitativos. [...] O êxito na análise de dados dependerá, indiscutivelmente, do próprio pesquisador; do nível de seu conhecimento, da sua imaginação, de seu bom-senso e de sua bagagem teórico-prática, capacidade de argumentação e da elaboração propriamente ditas. (BARROS & LEHFELD, 1986,87).

A interpretação dos dados está ligada a análise do material, que consiste na coleta e leitura de notícias veiculadas entre os anos de 2006 a 2009, a partir de uma necessidade de discussão do tema. A descrição dada é a capacidade de se voltar à síntese sobre os dados, entendendo-os em relação a um todo maior. São processos que se complementam e se transformam na síntese.

Essa fase irá conduzir à definição de conceitos explicativos sobre o problema enfocado. É importante observar que a análise e a comprovação das teorias se interligam e relacionam-se com as pesquisas, social empírica e científica.

Existem dois tipos de técnicas apropriadas para a análise dos dados de uma pesquisa científica. A análise qualitativa, que consiste nos estudos nos quais os dados são apresentados de forma verbal ou oral ou em forma de discurso.

Já a análise quantitativa é muito usada nas ciências exatas e de natureza, já que possuem uma gama de procedimentos quantitativos e estatísticos já legitimados em relação à precisão científica.

O autor salienta ainda que cuidados na hora de reunir o material coletado são necessário, pelo fato de em certos casos existir muito material que pode se tornar dispensável na hora da análise dos dados ou para a resolução das hipóteses que norteiam o estudo.

Para uma efetiva análise do conteúdo, é imprescindível ao pesquisador que remeta aos objetivos iniciais da pesquisa, os quais auxiliarão na determinação e organização do material coletado.

Na concepção de Bardin (1977), a primeira fase da análise de conteúdo, a chamada pré-análise consiste na fase da organização propriamente dita do material incluindo algumas recomendações como contato inicial com a mensagem, onde poderá efetivar a análise textual e temática e a realização da análise propriamente dita onde se operacionalizam os processos de codificação, categorização dos dados encontrados na mensagem. É necessário que o pesquisador esteja com objetivos claros em mente em relação à execução do instrumental da coleta de dados.

A análise de conteúdo percorreu um caminho por diversas fontes de dados: as notícias dos jornais, os discursos dos políticos, as cartas trocadas, os anúncios publicitários, os romances autobiográficos, os relatórios oficiais. No início desse caminho, a objetividade da análise era perseguida com empenho.

Em uma tentativa de análise das estruturas de personalidade pelo estudo sistemático de cartas, propõe-se uma das primeiras tentativas de análise de contingência, ou seja, análise de co-ocorrências de associações ou exclusões de palavras ou temas presentes no material de análise. (Baldwin, apud Bardin 1977).

Aos poucos, a análise de conteúdo foi interessando pesquisadores da lingüística, da etnologia, da história, da psiquiatria, da psicanálise, que vieram para somar com suas pesquisas aos trabalhos de colegas nas áreas da psicologia, das ciências políticas e do jornalismo.

4 MÍDIA E DROGAS

4.1 O PAPEL SOCIAL DA MÍDIA

A mídia representa um papel preponderante no que diz respeito ao uso ou a repressão as drogas. Diversos autores analisam o papel dela em fases e veículos variados, como jornais e revistas. Em um primeiro momento abordam-se os fatores de risco e prevenção para o consumo de drogas na adolescência, período em que tem início o uso.

Em um artigo publicado na Revista Saúde Coletiva dos meses de julho/setembro de 2006 esses fatores foram analisados, abordando conceitos que servem de base para diálogos com diferentes contextos sociais como família, amigos, escola, comunidade e mídia.

O estudo privilegiou a discussão da prevenção, lembrando que a utilização das drogas lícitas e ilícitas permeia a cultura da adolescência à velhice e, no caso do Brasil, notadamente por meio do consumo do álcool, tabaco e maconha. Além disso, o foco da análise direcionou-se nas relações familiares e intrapessoais, contextualizadas culturalmente.

Entre os resultados, um dos fatores determinantes se consolidou com o papel da escola, seja como agente transformador ou como local que propicia um ambiente exacerbador das condições para o uso de drogas. Neste âmbito existem fatores específicos que predispõe principalmente os adolescentes ao uso de drogas como, por exemplo, a motivação para os estudos, mau desempenho escolar, vontade de ser independente, busca por novidade a qualquer preço, a rebeldia, entre outros.

O estudo analisou ainda o papel da mídia como fator de risco. Em relação às drogas lícitas, os meios de comunicação geralmente mostram imagens favoráveis. Um exemplo são as propagandas de cigarro, porém ela reflete a cultura vigente e é um erro menosprezar a capacidade crítica dos jovens.

Minayo explica que o uso de drogas é uma questão complexa que perpassa inúmeros subsistemas da vida individual e social. As representações que levam à adesão ou a condenação dependem do contexto sociocultural.

Outro artigo analítico produzido por especialistas do Centro Brasileiro de informações sobre drogas psicotrópicas da Universidade de São Paulo analisa as notícias publicadas pela mídia escrita no ano de 1998. Entre eles estão os jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo.

O artigo evidencia:

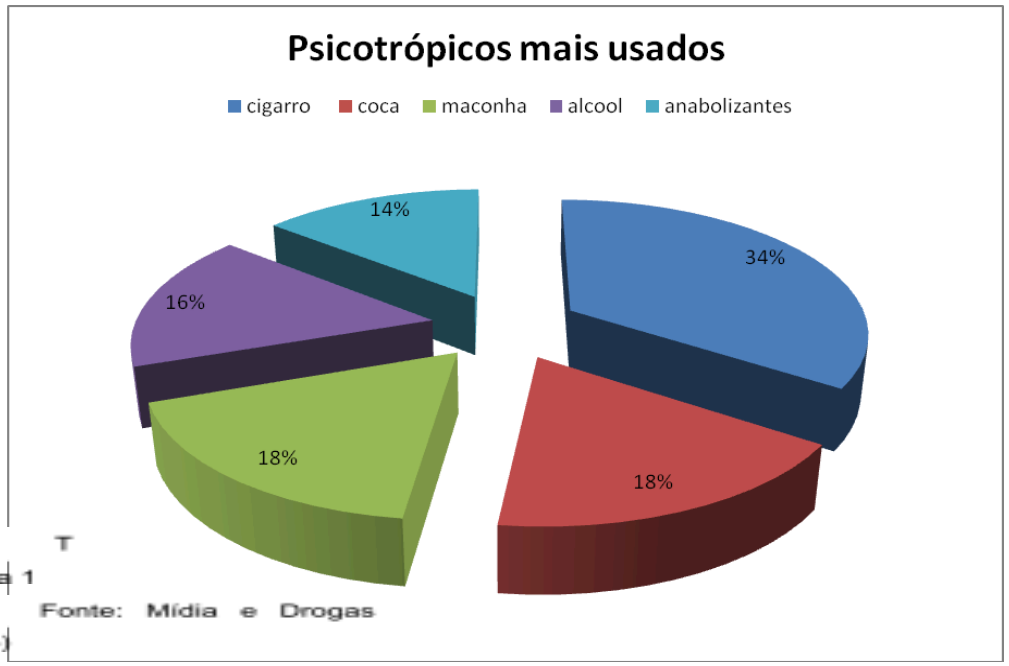


Tabela 1
Fonte: Mídia e Drogas (2005)

Foram apresentados diferentes enfoques de acordo com as drogas em questão, desde sobre o uso terapêutico e descriminalização quanto aos danos causados pelo uso prolongado da cocaína.

Trabalhos da imprensa se destacaram por sua ênfase emocional ao tratar das drogas, seguramente em textos escritos por especialistas, que lidam com a questão no seu cotidiano. Segundo Hillert (1996) Esse dado representa um indicador do quanto o discurso sobre as drogas recebe o tom emocional nos mais diferentes setores da sociedade. No entanto essa ênfase dada às notícias não parece uma peculiaridade da imprensa brasileira, pois é observada também para os psicotrópicos em geral, inclusive medicamentos, em outros países.

Em relação à mídia como instrumento de prevenção, é importante salientar que estudos freqüentes mostram o fracasso das intervenções preventivas até então estabelecidas no Brasil, especialmente no que diz respeito às drogas ilícitas. Carlini (1996) destaca que o consumo de algumas drogas, sobretudo maconha e cocaína cresceu bastante ao longo da última década. E essa constatação sugere a necessidade de implementação de alternativas ainda pouco exploradas.

É inegável a importância dos limites dessas intervenções puramente informativas sobre o uso de drogas. Os meios de comunicação têm prestado auxílio a vários programas de saúde, seja por meio de informações jornalísticas ou campanhas publicitárias específicas. No

entanto quando se trata do uso de drogas, os recursos de mídia vêm sendo pouco estudados e explorados como instrumento de prevenção. A utilização desses recursos, aliadas a medidas de prevenção, poderão representar uma interessante alternativa para os próximos anos.

> Na sociedade contemporânea, a mídia constitui um dos fatores fundamentais na formação do que é comumente conhecida como opinião pública (...) quando se aplica a um assunto que apresenta uma fraca tradição de pesquisa no Brasil, como é o caso da questão das drogas (...) os conteúdos das reportagens da mídia tem a permissão de reinar sozinhos (...) o que é visto, ouvido e lido, através da mídia, no que se refere as drogas, tende a se tornar a única medida padrão de verdade para a população brasileira. (Carlini, Galduróz, Noto, Pinski, 1989).

O papel da mídia é manter a população informada. Estes, por outro lado, não devem se colocar como meros receptores passivos daquilo que é veiculado pelos meios de comunicação. Para tanto, é necessário que cada pessoa exercite sua atitude crítica, filtrando as informações recebidas, questionando-as, fazendo um contraponto entre a opinião pública e uma opinião própria, particular, com a qual se identifique e na qual acredite. Porém, o que normalmente ocorre é o oposto. A mídia em algumas vezes pode distorcer os dados e descrevê-los incompletos. O público assim acaba por recebê-los como descrição fiel da realidade.

Na área de drogas isso é bem visível. Há uma tendência a se abordar questões ligadas ao tráfico, à dependência e às drogas ilícitas. É claro que estes pontos devem ser discutidos, mas não como únicos e mais importantes, uma vez que o fenômeno das drogas não se resume a isto. Neste caso, é importante que se reveja a dimensão do assunto e a complexidade de fatores nele envolvidos, evitando-se posições unilaterais bem como formas de abordagem com manchetes e reportagens de cunho alarmista e sensacionalista.

4.2 AS DROGAS NA MÍDIA IMPRESSA

É importante a análise de como a mídia exerce o seu papel perante a sociedade no que diz respeito às drogas e também como elas influenciam a população carente de informação.

O jornal Folha de Boa Vista foi criado em outubro 1983 em um período considerado difícil devido à ditadura militar no Brasil e também pelo fato de o estado de Roraima ainda ser Território Federal. O grupo que fundou o jornal era composto pelos jornalistas Fernando Estrela, Sandra Tarcitano e Cosette Espíndola de Castro.

As primeiras edições da Folha eram semanais e montadas de forma artesanal, enviadas para impressão no estado do Amazonas. Em 1988, o jornal foi comprado pelo economista Getúlio Cruz, que modernizou o parque gráfico com uma nova rotativa, adquirida em 1999. O jornal completou 25 anos em 2008.

Com isso podemos analisar tomando por meio do referido jornal, que o maior número de notícias relacionadas ao assunto diz respeito apenas à droga e não a formas de prevenção e tratamento dos usuários. Em matérias veiculadas nos dias 8 e 17 de fevereiro, 21 de março e 22 de junho de 2006 mostram o quadro de apreensões de cocaína em grande quantidade, além da prisão de pessoas.

As datas e ano das referidas matérias foram escolhidas pelo fato de nesse período ser considerado um período crítico, quando da desativação do único centro de tratamento que havia no estado para os jovens dependentes químicos e também pelo conteúdo que as mesmas abordam, tratando do que é veiculado pelo veículo.

Fica claro que o tráfico e a apreensão de drogas são evidenciados na mídia roraimense. Entre as diversas abordagens da questão das drogas, destaca-se também aquela que enfatiza o combate às drogas, apresentando-o como a única maneira capaz de enfrentar e erradicar o grave flagelo.

De expressão rigorosamente condenatória, caracteriza-se pela veemência de uma argumentação mais emotiva e alarmista do que serena e objetiva mais sensacionalista do que científica, mais moralista do que isenta de juízos valorativos.

Portanto, ao invés de analisar o consumo de drogas em seus múltiplos determinantes para chegar a propostas preventivas pertinentes e prometedoras de eficácia, o que poderia se constituir no papel da mídia, tal abordagem limita-se a preconizar uma repressão implacável, restringindo-se, desta forma, às drogas ilícitas e abordando de forma única, sua apreensão e o crescimento do consumo.

Abordar a "questão das drogas" no enfoque combativo citado significa, ainda, não tratá-la como realidade a ser investigada, mas sim, transformá-la em *mito* fabricado para cumprir determinadas funções sociais. (Carlini, Cotrim e Pinski, 1989).

Na investigação proposta, optou-se pela teoria da Análise do Discurso como instrumento adequado para examinar a ligação entre a linguagem apresentada e a ideologia subjacente. Sua metodologia permite explicitar os processos comunicativos construídos nas matérias veiculadas nos jornais locais, relacionadas às drogas e detectar intenções secretas ou outros interesses em veicular idéias condenatórias radicais, por razões que ultrapassam os efeitos do consumo de drogas em si.

A Teoria do Discurso apóia-se no conceito de linguagem como sendo a materialidade apropriada à ideologia e vem sendo amplamente utilizada para trabalhar os sentidos não literais dos enunciados, com base no reconhecimento da dimensão sócio-histórica da linguagem.

> Os textos como elementos dos eventos sociais [...] causam efeitos, isto é, eles causam mudanças. Mais imediatamente os textos causam mudanças em nosso conhecimento (podemos aprender coisas com eles), em nossas crenças, em nossas atitudes, em nossos valores, e assim por diante. Eles causam também efeitos de longa duração – poderíamos argumentar, por exemplo, que a experiência prolongada com a publicidade e outros textos comerciais contribui para moldar as identidades das pessoas como consumidores, ou suas identidades de gênero. Os textos podem também iniciar guerras ou contribuir para transformações na educação, ou para transformações nas relações industriais, e assim por diante[15].

Os textos produzem efeitos sobre as pessoas, e tais efeitos são determinados pela relação dialética entre texto e contexto social. Como assinala Thompson (1990), o contexto social envolve dimensões espaço-temporais constituinte de ações e interações. O tempo e o espaço determinam que certas ações e modos de interação sejam mais adequados e possíveis que outros.

Sendo assim, a teoria foi aplicada nos textos analisados se tratando do fato crucial, ou seja, da leitura da matéria publicada. O indivíduo que lê o material formará uma opinião acerca do assunto, um juízo de valor, e é exatamente aí que a teoria se revela.

A Revista Saúde Pública desenvolveu uma análise prévia de um conjunto de textos sobre drogas que foram selecionados pelas especificidades e regularidades discursivas correspondendo às características da formação impregnada pelo real motivo condutor do "combate às drogas". Assim, a recorrência de determinadas particularidades lingüísticas e temáticas serviu para diferenciar e agrupar os textos como parte de um mesmo processo de divulgação ideológica.

Uma observação responsável sobre a dinâmica das substâncias psicoativas

levaria à busca do entendimento da presença das drogas na sociedade não de forma isolada, mas como parte de sua evolução, seus conflitos e desequilíbrios.

Deve-se reconhecer que os possíveis problemas advindos do uso destes psicoativos são frutos da própria produção cultural, considerando a profunda heterogeneidade de modos de consumo, razões, crenças, valores, estilos de vida e visões de mundo.

Na cobertura da imprensa, em alguns momentos, a droga está associada à violência. É também essa mesma cobertura que retrata somente as infrações que foram cometidas pelo

---

[15]**Tradução de Izabel Magalhães, da obra *Analysing discourse* (2003) de N. Fairclough.**

usuário de drogas, omitindo o fato de que ele também tem seus direitos violados, em diversos momentos, pela família, pelo Estado e/ou pela sociedade. Isso acaba gerando uma visão reducionista da questão em que se exige do usuário de drogas uma postura ética, sem a preocupação de garantir-lhe a observância de seus direitos mínimos.

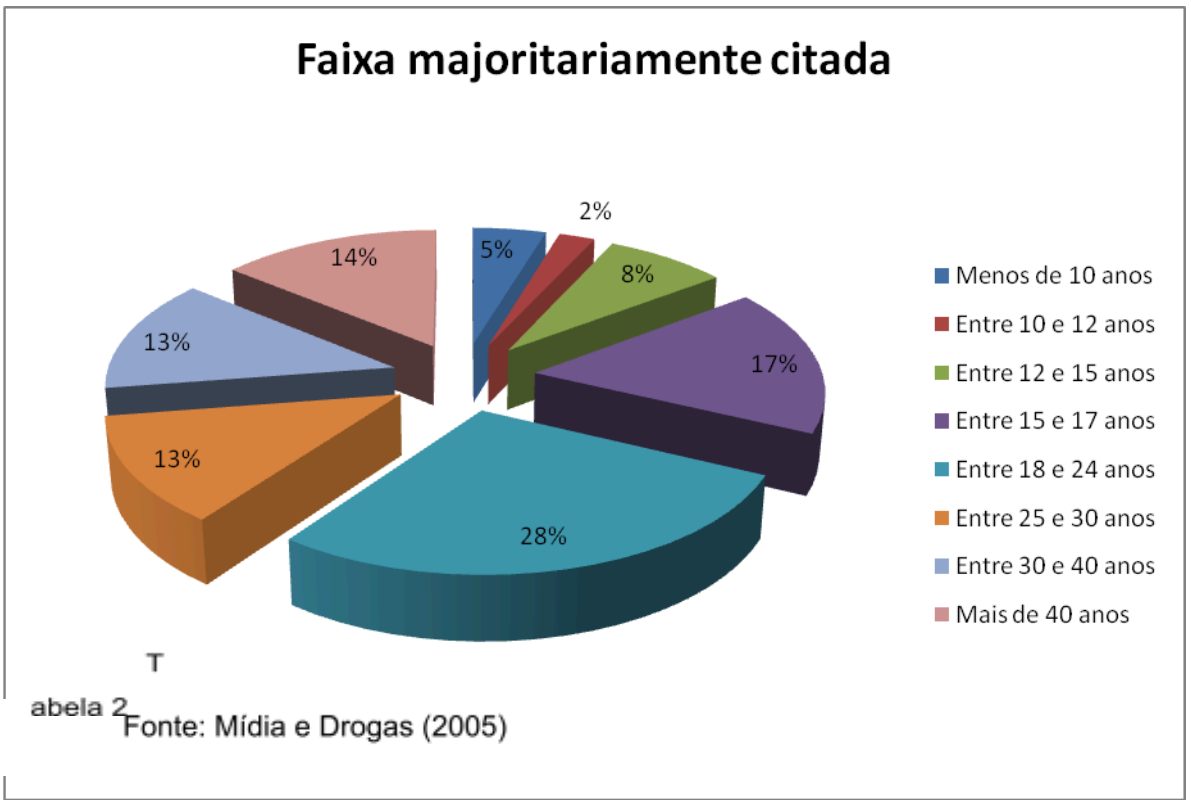
Segundo a pesquisa Mídia e Drogas – O perfil do uso e do usuário na imprensa brasileira, da Agência Nacional dos Direitos da Infância - Andi (2005), enquanto em 17,3% das matérias nas quais há menção explícita a usuários, estes foram retratados como vítimas de violência, em 49% foram tratados como agressores.

Some-se a isso o fato de que em apenas 5,9% das matérias que enfocam centralmente casos individualizados de usuários não há relatos de problemas com drogas. A estigmatização das drogas, assim como de seus usuários,serve de cobertura conveniente para reais problemas estruturais da sociedade e que muitas vezes são os verdadeiros responsáveis pela busca dessas substâncias.

4.3 A IMAGEM DO USUÁRIO NA MÍDIA IMPRESSA

Na grande imprensa a questão do uso de drogas ainda ocupa, prioritariamente, as páginas policiais. No entanto, para fortalecer um discurso de cunho social amplo sobre a questão, alguns conceitos generalistas, já introjetados pela sociedade, e aqui também já comentados, precisam ser revistos: A droga é um objeto que existe e sempre existiu.

A relação do ser humano com a droga varia segundo o espaço, o tempo, a ideologia e as características sócio-culturais, no momento do encontro entre o indivíduo e a droga. De acordo com resultados de estatísticas epidemiológicas na população brasileira, a questão da droga permeia diversas faixas etárias.



T
abela 2 Fonte: Mídia e Drogas (2005)

* 21,5% dos textos mencionam uma faixa etária

Assim, concentrar esforços em qualquer grupo etário específico, principalmente no que se refere à discussão de políticas públicas, apenas mascara a realidade e serve a propósitos ideológicos.

Todos os tipos de drogas, lícitas ou ilícitas, podem provocar danos à saúde física, mental e social de seus usuários. Também é importante observar que a repercussão de casos individuais, associados ao uso de droga, observados em grande parte dos textos jornalísticos podem e devem ser contextualizados na esfera bio-psico-social, ultrapassando os âmbitos policiais e médicos.

Ao contrário do imaginado, esses profissionais não são as únicas referências a serem consultadas quando o assunto tratar do consumo de drogas. Educadores, psicólogos, sociólogos, antropólogos, advogados, enfim, uma infinidade de profissionais das diversas especialidades merece ser ouvidos.

A atitude de agentes governamentais e grupos sociais em relação aos usuários de drogas, as imagens negativas, os preconceitos, o medo que, no Brasil, chega às raias da demonização desse usuário, contribuem decisivamente para a formação e a cristalização de uma sub-cultura marginal. A violência e o arbítrio policiais, derivados do poder de iniciar processos criminais contra o usuário, criam em torno dele um círculo infernal de insegurança,

perigo e, em alguns casos, incentivo ao crime. Não se pode concluir daí, porém, que todos os usuários de drogas são iguais ou ainda que professem o mesmo credo cultural. Nada mais enganoso. (ZALUAR, 2005)

Pesquisas sugerem diferenças em graus de envolvimento ou de relação com a droga e com o grupo – se a usam nas horas de lazer ou diversão ocasionais, se ela é central na definição de um estilo de vida alternativo compartilhado com outras pessoas ou ainda se é o eixo na definição da identidade individual do usuário compulsivo.

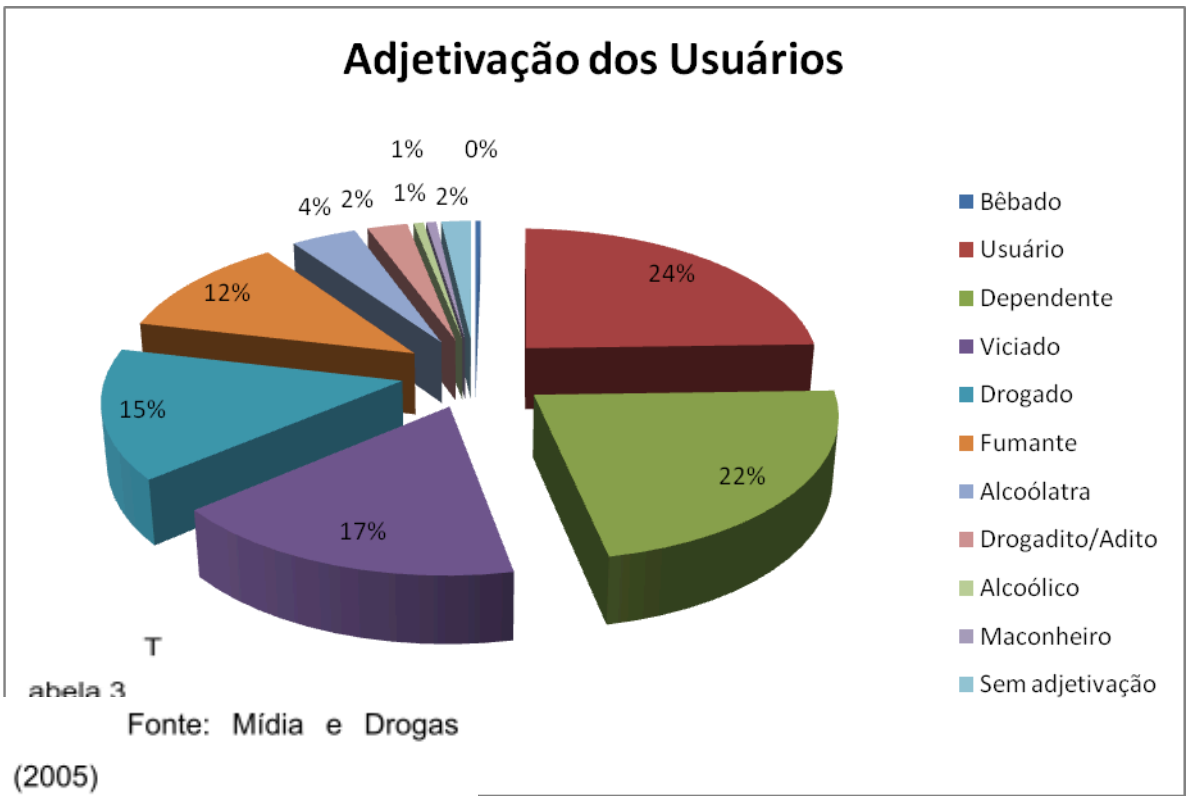
Sendo assim, um dos caminhos para se alcançar a redução dos riscos associados ao uso de drogas, é a capacidade de discernimento do cidadão bem formado e informado. Nesse sentido, é necessário que se estabeleça uma diferenciação, do ponto de vista clínico, de extrema importância, entre os tipos de usuários, como os recreativos e os dependentes.

De acordo com Silveira Filho e Mônica Gorgulho (2005) o usuário recreativo é aquele que procura a droga, sobretudo como fonte de prazer. Não é dependente e, provavelmente, nunca será. Já o usuário dependente usa a droga como meio de fuga de uma realidade insuportável. A droga se torna, então, indispensável ao seu funcionamento psíquico e passa a preencher lacunas importantes. Há também outras classificações de padrões de uso utilizadas por especialistas como: experimentação, uso freqüente e abusivo.

Por essas e outras razões que passam, inclusive, pelo não incentivo ao preconceito moral, as adjetivações percebidas em algumas matérias da imprensa para caracterizar os usuários de drogas devem ser evitadas. 59% do total de textos analisados pela pesquisa Mídia e Drogas não apresenta termos pejorativos.

Algumas palavras utilizadas no restante desses textos, como “vício”, “drogado”, “bêbado”, “alcoólatra”, denotam que o usuário passa o tempo todo sob a ação das drogas e só contribuem para a diminuição da auto-estima das pessoas. Há ainda forte tendência da cobertura jornalística em relacionar a condição do usuário de drogas, predominantemente, como dependente.

Possivelmente, isso pode ser explicado pela origem das fontes sobre as quais o jornalista constrói a sua cobertura. Uma solução seria buscar especialistas no tema. Além disso, nos casos em que não for possível a identificação sobre a real relação da pessoa com a droga, só se deve afirmar que ela fez uso de substância e não que se trata de um dependente.



T
abela 3

Fonte: Mídia e Drogas (2005)

É preciso que os jornalistas melhorem a cobertura sobre o tema drogas. Para isso, além de recorrer a fontes diversificadas e qualificadas, o profissional precisa ter meios para localizar a informação obtida em um contexto geral sobre o uso, ou seja, precisa saber enquadrar a informação em um dos três grandes grupos de abordagens que ele enumera: a ético-moralista, a clínico-individualista e a sócio-cultural.

Segundo o coordenador do Geal – Grupo de Estudo do Tratamento do Alcoolismo e outras Dependências, Jairo Werner (2005), para que um aprimoramento ocorra é necessário ultrapassar as duas primeiras concepções que têm dominado o campo das Drogas, tanto no que se refere à prevenção, quanto ao tratamento.

Na perspectiva ético-moralista, a relação do sujeito com a droga é vista e tratada de forma mecânica, enfatizando os efeitos das drogas sobre uma pessoa considerada passiva, mero fruto do meio, que precisa ser condicionada e controlada externamente. “Na concepção individualista, a relação entre o sujeito e a droga é vista por meio do indivíduo, ou seja, centra-se na estrutura individual do sujeito, de forma psicológica ou biológica”, ressalta Werner.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa foram utilizadas diversas ferramentas para a apuração de dados sobre o comportamento da mídia no que diz respeito ao tratamento dado ao dependente químico, além da explicação sobre a rota de tráfico de drogas e o crescimento do uso de entorpecentes no Estado.

A pesquisadora utilizou também dados estatísticos oriundo de pesquisas relacionadas ao tema e recursos visuais por meio do Power Point, com o objetivo de explicitar e mostrar as conclusões e resultados da pesquisa.

Diante da conclusão do referido trabalho, a pesquisadora manteve contato com pessoas de diversas esferas, incluindo dependentes químicos em recuperação, pessoas responsáveis pela recuperação de muitos deles, que também expressaram sua opinião em relação ao tema abordado.

Em relação a isso, se pôde constatar que pouco se fala sobre tratamento, prevenção e sim sobre apreensão e tráfico de drogas. Concluindo a pesquisa, é preciso fazer um alerta verdadeiro para a sociedade no que diz respeito a uso de drogas, prevenção e tratamento.

Com esta pesquisa, espera-se que a contribuição para a sociedade seja positiva para que se pense mais em discutir o tema e que sejam efetivamente empregados novos métodos.

Que os veículos de comunicação melhorem a postura diante do problema, assumindo uma posição de agente multiplicador de informações que realmente sejam de valia para a sociedade, pois de fato, drogas geram violência e o consumo abusivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence: Análise de Conteúdo: A Proposta de Laurence Bardin **Universidade de Paris 1977;**

CARNEIRO, Henrique; VENÂNCIO, Renato Pinto, Álcool e drogas na História do Brasil**, Editora Alameda Ano 2005.**

COMPARATO, Doc: Roteiro, Arte e técnica de escrever para cinema e televisão**, segunda edição Editora Nordica 1983;**

Correio Fraterno do ABC: Nº 363 de Abril de 2001.

FAIRCLOUGH, N. Critical and descriptive goals in discourse analysis. **Journal of Pragmatics, n. 9, 1985.**

FILHO, Silveira e GORGULHO, Monica: Dependência: Compreensão e assistência às toxicomanias - uma experiência do Proad**. 2005.**

MAGALHÃES, C. (Org.). Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 2001.**

Mídia e Drogas, Perfil do uso e do usuário na imprensa brasileira**, 2005, Agência de Notícias dos Direitos da Infância - Andi.**

A mídia na fabricação do pânico: Um estudo no Brasil **ano 2005.**

MINAYO, Maria Cecília de Souza, Revista Ciência e Saúde Coletiva **2004.**

MOTA, Darkson: O Beijo da dependência Química**; Editora Boa Vista 1 Edição, 2006;**

NOTO Ana, BAPTISTA Murilo, FARIA Silene, NAPPO Solange, GALDURÓZ José Carlos, CARLINI Elisaldo: Drogas e Saúde na imprensa brasileira: Uma análise de artigos publicados em jornais e revistas**, 2008.**

Revista Pró Vida**: Edição número 1 outubro de 2000, ano 1.**

REY, Luiz: Planejar e redigir trabalhos científicos**, 1978;**

RIBEIRO Tatiana, PERGHER Nicolau, TOROSSIAN Sandra: Drogas e adolescência: Uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público**, 2007;**

SILVA, Angela Maria Moreira: Normas para a apresentação dos trabalhos técnico-científicos da UFRR, baseadas nas normas da ABNT**, Universidade Federal de Roraima, 2007;**

SOUZA, Fátima: Como combater o uso de drogas ilícitas **(2007)**

THOMPSON, J. B. Ideology and modern culture**. Cambridge: Polity Press, 1990.**

Fontes de Pesquisa da internet:

www.reduc.org.br pesquisado em outubro de 2008
www.intercom.org.br pesquisado em novembro de 2008
http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/ pesquisado em abril de 2009
www.scielo.org pesquisado em maio de 2009
www.antidrogas.com.br pesquisado em maio de 2009
www.anjt.org.br pesquisado em maio de 2009
http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm pesquisado em 30 de maio de 2009
www.dji.com.br/codigos pesquisado em 30 de maio de 2009.
http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto pesquisado em 30 de maio de 2009.

ANEXOS



08/02/2006

Tanzanianos tinham repelentes com cocaína

Agentes da Polícia Federal prenderam dois estrangeiros no Aeroporto Internacional de Boa Vista, acusados de tráfico internacional de drogas, no fim da tarde da última segunda, 06.

Os tanzanianos Mustapha Abou Bakar Swindiq, 36, e Mgalula Ramadhan Fun Dikira, 44, estavam com 33 frascos de repelentes que continham cocaína pura. Mesmo a Tanzânia sendo um dos países do continente africano, eles vinham de Georgetown, na República da Guiana, com destino ainda ignorado pela Polícia Federal. Os dois acusados estavam sem bilhetes de embarque e recusaram-se a dizer seu destino ou a origem das drogas.

A cocaína foi encontrada quando os dois tiveram suas bagagens revistadas. A quantidade de frascos chamou a atenção da Polícia que os conduziu até a sede da Polícia Federal e constatada a presença de 3 quilos e 300 gramas de coca diluída, contando o conteúdo e a embalagem.

No interrogatório, os presos se recusaram a falar. A polícia investiga a qual conexão eles pertenceriam e para onde a droga estaria sendo levada. A possibilidade dessa rota pela Guiana estar sendo usada com freqüência maior também está sendo alvo de investigação.

Os estrangeiros foram indiciados por prisão em flagrante, conforme previsto nos artigos 12 (tráfico), 14 (associação) e 18 inciso I (tráfico com o exterior). Foram encaminhados na madrugada de ontem para a Penitenciária Agrícola de Monte Cristo, onde ficarão à disposição da Justiça Federal.

Esta é a terceira grande apreensão de drogas feita somente este ano. Pelo que consta nos registros da polícia, é a primeira vez que se vê a cocaína diluída e condicionada em vasilhames de repelente.



17/02/2006

PRF faz a maior apreensão de drogas de RR

Policiais rodoviários federais realizaram na madrugada desta quinta-feira, 16, a maior apreensão de cocaína na história de Roraima. Foram apreendidos mais de 250 quilos da droga acondicionada no interior de um veículo Celta de cor vermelha, placa NAO-3556.

De acordo com a policial Letícia Zacco, a apreensão do carregamento ocorreu por volta de 00h, quando os policiais estavam realizando uma ronda de rotina na BR-174 e perceberam dois veículos, um Corsa caracterizado como táxi e o Celta, que saíam de uma vicinal, na altura do quilômetro 517, próximo à entrada para a região do Passarão.

O Celta estava com os faróis apagados e tinha o Corsa como batedor. Os policiais pararam a viatura, apagaram as luzes e resolveram interceptar o Celta, suspeitando que ele estivesse carregado de combustível venezuelano.

Foi dada a primeira ordem de parada e o condutor chegou a demonstrar que ia parar, mas continuou viagem. Ao receber a segunda ordem de parada, ele acelerou chegando a atingir aproximadamente 160 quilômetros por hora.

Ao se aproximar do perímetro urbano, próximo ao Monte Cristo, o motorista acelerou e tentou fazer uma curva na estrada para a direita, mas o veículo derrapou e saiu da pista. O condutor deixou o carro ligado e saiu correndo para o

meio do mato. Ele ainda foi perseguido por um policial rodoviário, mas não foi alcançado.

Os policiais resolveram verificar o carro e encontraram a cocaína espalhada no interior. Foi chamado reforço tanto da Polícia Rodoviária Federal quanto da Polícia Militar. A droga foi levada para a superintendência da Polícia Federal, onde foi pesada e examinada, somando 252,160 kg exatos.

As barras estavam identificadas com figuras do Pato Donald (personagem da Disney), setas, quadrados cor-de-rosa, trevo de quatro folhas de cor vermelha e estrelas vermelhas. Esta é a maior apreensão de cocaína do Estado, sendo que a anterior, somou 209 quilos e foi apreendida pela Polícia Federal na Fazenda Uruami no ano de 1998.

FOLHA WEB

21/03/2006

Polícia Militar apreende 7 kg de cocaína

Uma revista em uma residência ocorrida na madrugada de ontem pela Polícia Militar resultou em mais uma grande apreensão de drogas. Foram apreendidos exatos 7,320 kg de cocaína pura, acondicionada em 10 pacotes de plástico transparente. A droga estava escondida no quarto e na cozinha da residência.

Segundo informações do tenente Humberto Damasceno, os policiais foram acionados através do telefone de emergência 190 sobre um possível assalto ocorrido na rua Bento Coelho, nº 144, no bairro Calungá, onde uma mulher seria a vítima.

Ao chegarem na rua, a mulher contou que havia pedido carona ao pescador Lourenço Nogueira da Rocha, 52, quando retornava de um balneário. Ela teria visto o homem pegando uma arma e fugiu com medo, vindo a se esconder na casa de um dos moradores, que acionou a polícia.

Os policiais foram então até a residência de Lourenço, que não relutou em deixar os policiais entrarem. No momento da revista, a primeira quantidade da droga foi localizada no quarto, juntamente com o revólver calibre 32 e o restante enterrado no quintal da residência.

O pescador foi encaminhado para a Superintendência da Polícia Federal, onde foi indiciado por tráfico internacional de drogas e porte ilegal de armas de fogo. Ele foi encaminhado à Penitenciária Agrícola de Monte Cristo, onde ficará à disposição da Justiça Federal.

FOLHA WEB

22/06/2006

Aumenta quantidade de drogas apreendidas

Uma das constatações na Semana Nacional Antidrogas é que as polícias Civil e Federal têm fechado o cerco contra os traficantes. Dados do Departamento de Polícia Federal apontam que a apreensão de drogas aumentou neste ano. Enquanto no ano passado os policiais federais apreenderam pouco mais de 48 quilos de cocaína, este ano o volume já chegou a quase 281 quilos da droga.

Desse total, 252 quilos foram apreendidos num Celta pela Polícia Rodoviária Federal, em fevereiro deste ano. Os PRFs estavam monitorando a rodovia quando avistaram o veículo suspeito trafegando pela BR-174. Na perseguição, o condutor abandonou o carro nas proximidades do Passarão, Município de Alto Alegre, e correu em direção a mata.

Ainda de acordo com o DPF, de janeiro até agora, foram apreendidos nas fronteiras, Aeroporto Internacional e Rodoviária, 10.185g de heroína, 4.050g de crack e 3.377g de maconha.

Na Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE), o delegado Rodrigo Kulay disse que neste ano 10kg de drogas, entre pasta à base de cocaína, maconha, cocaína e o crack, foram apreendidos neste ano. Não teve como fazer comparativo, visto que os números do ano passado não estavam disponíveis.

A DRE realizou 24 prisões em flagrante por tráfico ou associação para o tráfico e registrou 9 TCOs (Termos Circunstanciado de Ocorrência). Segundo Kulay, 30 pessoas foram presas, sendo que em 40% delas percebeu-se a participação entre membros da mesma família. A especializada elucidou 29 inquéritos.

Em relação à droga apreendida, o delegado explicou que ela fica guardada e depois do processo transitado em julgado o juiz expede a ordem judicial para incineração. Os números apresentados pela especializada, segundo Kulay, são resultados de uma política intensa de trabalho.

Para denunciar qualquer caso, o delegado explicou que qualquer pessoa basta ligar para o Disque-Denúncia da Polícia Civil, que é o 0800 95 1000, ou na própria especializada, através dos telefones 3624-2578 e 3624-2551. (R.L.)